

FILOSOFAR, ATITUDE DE PESQUISA DO “EU” AO MUNDO E DO MUNDO AO “EU”: ENSAIANDO TRANSCENDÊNCIAS

PHILOSOPHY, THE RESEARCH ATTITUDE OF THE “ME” TO THE WORLD AND THE WORLD TO THE “ME”: TRYING TRANSCENDENCIES

Claudinei Vicente Cassol¹
Cláudia Battestin²
Arnaldo Nogaro³

Resumo

O artigo em pauta resulta de reflexão teórica com o objetivo de debater a temática do filosofar, filosofando, realizando um exercício de práxis sobre o cotidiano num ir e vir do homem ao mundo e do mundo ao homem. Seguindo a orientação hermenêutica e crítico-dialética ensaia-se um percurso do existir humano sobre a condição humana, procurando superar discursos e sofismas para se chegar a um comprometimento autêntico, a uma racionalidade humanizadora. Apoiados em pensadores como Castoriadis (1992, 2002), Bauman (1997), Jaeger (2003), Buzzi (1987), Japiassú (1997), Gramsci (1982), dentre outros, procura-se desenvolver seis momentos do pensar do humano sobre si mesmo e sobre o mundo/contexto com o intuito de demonstrar as possibilidades que se abrem pelo filosofar como uma prática do homem em seu existir.

Palavras-Chave: Filosofar. Mundo. Transcendências.

Abstract

The article in question results from theoretical reflection with the objective of discussing the theme of philosophizing, philosophizing, performing an exercise of praxis about the daily life in a coming and going of man to the world and the world to man. Following the hermeneutic and critical-dialectical orientation, a course of human existence on the human condition is tried, trying to overcome speeches and sophisms in order to arrive at an authentic commitment, a humanizing rationality. Supported by thinkers such as Castoriadis (1992, 2002), Bauman (1997), Jaeger (2003), Buzzi (1987), Japiassú (1997), Gramsci (1982), among others, seeks to

¹ Licenciado em Filosofia. Doutorando em Educação nas Ciências pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI). Professor na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - campus de Frederico Westphalen (URI). Email: cassol.cv@gmail.com

² Licenciada em Filosofia. Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Professora da área de ciências humanas e jurídicas e do mestrado em Educação da Universidade Comunitária da região de Chapecó (Unochapecó). Email: battestin@unochapeco.edu.br

³ Licenciado em Filosofia, Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atualmente é Pró-Reitor de Ensino da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI) e professor titular dos cursos de graduação e pós-graduação Campus de Erechim e Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado - do Campus de Frederico Westphalen. Email: narnaldo@uri.edu.br

develop six moments of human thinking about Himself and the world / context in order to demonstrate the possibilities that open up by philosophizing as a practice of man in his existence.

Keywords: *Philosophize. World. Transcendences.*

INTRODUÇÃO

Ao optar pela escrita do artigo, assumimos o texto e o contexto como criação e, provocados pela maiêutica, fazer vir ao mundo, ao mundo da consciência, da razão, da linguagem, do concreto, o filosofar, não como discurso, mas como ação, práxis. Então, não pensamos em retórica, mas em exercitar a práxis enquanto filosofia, acontecimento cotidiano possibilitado a todos/todas os/as humanos/as. Pensamos em debater a temática do filosofar, filosofando acerca do humano, pois o humano se mostra nessa mediação. Então ensaiamos incursões pelo percurso do existir humano, das subjetividades às objetivações comunitárias onde afloram identidades e diferenças, mas exige-se, pela própria condição humana, o filosofar. E nesse filosofar se assenta a possibilidade do humano no mundo comum. Desse modo, ao tematizarmos o filosofar, não nos sujeitamos à retórica e oratórias, discursos e sofismas e, tampouco, aos preconceitos imputados a cada um desses métodos por força da elite cultural, conforme a compreensão de Jaeger, contida na obra *Paideia* (2003).

Sucessivamente, a pergunta pelas possibilidades de superação da sofística pela vida do filosofar, já contém em si um comprometimento performático, pois o filosofar é atitude humana que se dá na independência do colorido ideológico, contudo, não distante da práxis humana, uma vez que os sofistas sistematizaram o ensino pela retórica e tradição pitagórica, além de elaborarem um ideal prático para a democracia, buscando a participação e valorização de todos através do ideal teórico.

O percurso, dessa forma, se desenvolve no filosofar a partir do humano, seguindo metodologia hermenêutica e crítico-dialética. A intencionalidade que perseguimos orienta-se pela possibilidade de tematizar o filosofar como constitutivo do humano e um caminho aberto na instituição e desenvolvimento da racionalidade humanizadora. Como processo e percurso no qual a indagação é importante, e não seu resultado, porque este pode ser sempre questionado e reformulado, já que nunca será conclusivo. (MARCONDES; FRANCO, 2011). O pensar encontrando-se na profundidade da subjetividade com o filosofar constitui a intersubjetividade inicial na ampliação das vias de compreensão e problematização das situações e condições humanas e do humano no mundo comum.

A filosofia, no entender de Marcondes e Franco (2011, p. 14), torna-se uma arma contra os mitos, os preconceitos, os conformismos e a cegueira humana de um modo geral, pois ela habitua a “[...] inteligência a refletir com rigor e precisão sobre as questões mais fundamentais da vida humana, tornando-a autônoma, livre das forças materiais que cada vez mais a pressionam.” Dessa forma, procuramos desenvolver seis movimentos do pensar do humano sobre si mesmo e sobre o mundo/contexto que o cerca e envolve e caracteriza o filosofar, como atitude de pesquisa do “eu” ao mundo e do mundo, do coletivo, do social, ao “eu”, não como totalidade fechada e absoluta, mas construção, possibilidades, aberturas e horizontes, mesmo profundos e, talvez sempre estranhos, mas na luta constante pela persecução de transcendências: objetivo do filosofar/pensar.

DEMÔNIOS HUMANOS: UM EXORCISMO A CADA DIA OU EM BUSCA DA COMPREENSÃO DO HUMANO

Ensaíar é já estar no caminho do aprender, ou ao menos, do filosofar. Esta reflexão se propõe a trilhar a íngreme peregrinação absurda da existência que demoniza a vida. Há uma implacabilidade aterradora no agir humano, expressa na insuficiência da racionalidade. Cada ato é desfecho de uma compreensão racionalizada, profundamente racionalizada ou não - a diferença não chega a ser significativa - desencadeia uma infinita relação de outras possibilidades, diversas racionalizações possíveis. A escolha é maldita no próprio entendimento sartreano (Jean-Paul Sartre, 1905-1980): se viver é fazer escolhas; viver é o mínimo, é prejuízo de toda ordem, porque a grande quantidade de opções, de potencialidades, não pode ser de todo contemplada; por isso é deixada de lado, não pode ser incluída, desfrutada. Só há espaço para uma via. Todas as demais são preteridas. Havendo necessidade ininterrupta de opção por parte do sujeito, como julgá-lo após uma escolha se todas as demais se apresentam mais plausíveis após o desfecho da ação ou mesmo, após, a própria escolha? Não racionalizou com suficiência? Errado. E aí está o primeiro demônio a rir estrondosamente: qualquer opção a apresentar-se mais lúcida, mais oportuna, mais essencial, mais consistente, mais adequada, no instante seguinte mostra-se deficiente, insuficiente, precária. É a miséria humana em toda sua nudez.

A escolha é sempre uma via fria e acusadora a desferir sofrimentos, pesos, a chagar e crivar o sujeito de culpas. Agudas dores a ferir a totalidade da existência atingindo o ponto mais nevrálgico. Existências não podem sempre ser coletivas, dialogadas, partilhadas; são, no primeiro instante da consciência, individuais, particulares, pessoais. Quanto mais solipsistas forem as escolhas, mais diabólicas transformam-se no imediato momento seguinte. Como garantir o envolvimento de todos os interessados ou implicados na ação? As escolhas nunca tem a intenção de serem maléficas, ruins, autodestrutivas. Elas brotam do desejo mais recôndito de produzir felicidade. É possível, então, responsabilizar o sujeito, o ser humano, por suas escolhas? Resulta daí a impossibilidade da culpa a apenas um sujeito envolvido. A responsabilidade, assim como o compromisso, é de um agregado de relações, é coletiva.

Para cada escolha há um séquito de maus anjos aguardando espaços nos frágeis ombros do sujeito. O problema é a consciência. Há opções assumidas. A reflexão pode concluir opções mal assumidas. É preciso compreender que a opção desencadeada foi efetuada com um nível de consciência ou de desenvolvimento da consciência e, do presente ao futuro da história, essa ação, suas consequências, suas implicações, já serão analisadas com outro nível de consciência. “A compreensão do filósofo é anterior à dos homens de seu próprio tempo ...” (MARCONDES; FRANCO, 2011, p. 26). Isso é crescer em consciência, não há nebulosidades. A questão interposta é acerca da incorrigível injustiça a deleitar-se sobre o sujeito, porque a ação não poderá mais ser corrigida e a cobrança é implacável. São demônios que o humano enfrenta. A verdade é o humano obrigando-se a escolher e, ao fazê-lo, estar condenando sua existência e comprometendo sua felicidade. Eis, no entanto, mais uma espécie de exorcismo que podem ser visto, percebidos e enfrentados pelo filosofar.

Seres diabólicos pululam as existências forçando o optar. Optar é excluir a grande maioria das possibilidades e estar, irremediavelmente, exposto às fragilidades da forçada, intransponível e megera escolha. Ser humano consciente é estar atormentado e atormentando-se com escolhas: demônios exi-

gentes especializados em cobranças. O sujeito que não souber viver, que não aprendeu ainda a viver, que não foi suficientemente racional, consciente, deve ser infeliz? Optar é expor-se ao erro, falha amenizada pelo filosofar. Errar na opção é sofrimento. A filosofia é um modo de pensar que acompanha o ser humano na tarefa de compreender o mundo e agir sobre ele. “Pensar, pede audácia, pois refletir é transgredir a ordem do superficial que nos pressiona tanto. [...] pensar não é apenas a ameaça de enfrentar a alma no espelho: é sair para as varandas de si mesmo e olhar em torno, e quem sabe finalmente respirar” (LUFT, 2004, p. 22).

É justo ao humano essa imputação se ele sempre escolhe, se está forçado a escolher? As escolhas são deficitárias e transformam-se em demônios a serem cotidianamente exorcizados porque não são suficientemente racionais? E o ser humano, então, é somente razão? Qual é a dosagem correta entre razão e emoção? Existe uma perfeição? Se não existe, então, ser humano é sofrimento. Sofrer é próprio do sujeito, de modo que ele está oscilando entre sofrer infernalmente ou prantar-se, apenas. O sofrer é para os fracos que racionalizam suas ações ao máximo atribuindo-lhes virtuosa ética? Em assim sendo, como explicar que o demônio é espírito mau? Ou será, como disse o filósofo ateniense, Platão (427aC-347aC), que a diferença entre o mau e o justo é que o primeiro realiza os atos que o outro apenas sonha e descarta?

Existir é fazer escolhas, inclusive a opção da própria continuidade da existência. Existir é assumir-se, optar por assumir-se e isso já exige filosofar. É o que pontua Japiassú (1997, p. 20) quando externa que existir, para nós, significa sermos pressionados pela urgência do tempo, num mundo onde não sabemos mais quem somos “[...] nem como podemos falar, embora nos vejamos forçados a inventar algo para fazer e sobre o que pensar para nos dar a ilusão de ainda sermos livres.” Viver feliz é, então, existir sem muita consciência, sem grandes compromissos, consciente da ambivalência da vida, dos conceitos, das compreensões, das possibilidades, das vias, dos próprios produtos do filosofar. E, de alguma maneira, colocar-se acima dos demais entendimentos, compreensões, conceitos, opções e aí satisfazer-se.

Então, como exemplo, não é possível a condenação de sujeitos optantes pela interrupção da própria existência. Essa é a única escolha possível para exorcizar os demônios de uma vez, radicalmente. Há ainda a possibilidade do amor como afirma o grande poeta Goethe (1749-1832): dá mais força se saber amado do que se saber forte: a certeza do amor, quando existe, nos torna invulneráveis. Mas ela é relativa. Quem sabe, outro consolo esteja, no dizer de Fernando Savater, (1947) filósofo espanhol da atualidade no denomina a norma de ouro da sobrevivência social: manter-se desejável, porque para continuar gostando da vida, é preciso viver sendo gostado.

O SUCUMBIR DA POSSIBILIDADE COMO ASCENSÃO DO DESESPERO: O SUICÍDIO DO FILOSOFAR

Uma espécie de desespero começa a apossar-se da gente quando as ações planejadas fogem do controle. Da mesma forma, quando há idealização de ações e visualização de algumas concretizações, mesmo que possibilidades simplesmente, ainda assim, um misto de desespero e frustração teima em aparecer, reaparecer. Sentir-se finito, por ter concretizado possibilidades e outras tantas terem se esvaído. Será que o desespero, que não é somente por não saber-se se Deus está no final da linha aguardando?

dando a cada um e cada uma; tampouco pela dúvida de não haver um “final de linha”, mas apenas um decorrer; sequer pela limitação humana de não conseguir realizações fantásticas como deter o conhecimento, dominar todas as verdades, satisfazer prazeres e vontades materiais e, mesmo, espirituais, acontece com todos os seres humanos? Ou, em que medida o desespero atinge a humanidade, como decorrente da impossibilidade de efetuar os planejamentos, inclusive os projetos pessoais? Em não se verificando na totalidade das pessoas, quais trabalhadores e trabalhadoras estão mais propensos ao desespero pela frustração de seus planejamentos?

O desespero pode ser verificado a partir das ocupações profissionais, das especialidades ou está ele diretamente ligado ao ideológico, ao utópico particularmente, de cada sujeito, ou, ainda, a intensidade com que as pessoas planejam e creem em resultados de suas ações? Isso seria imediatismo, assimilação de uma sociedade pragmatista, individualismo? Talvez seja ignorância, falta de conhecimento, pouca capacidade ou incapacidade plena? Estaria o desespero diretamente relacionado ao objetivo anteposto, proposto ou idealizado para a ação?

Não sei o que povoa o pensamento e forma as preocupações das pessoas que convivem comigo, contato diariamente, semanal e continuamente e, nem mesmo, aqueles e aquelas que, simplesmente, passam por mim. Nem mesmo consigo vislumbrar o quão desesperadas são e se estão acometidas por esse angustiante mal. O desejo - entendido em toda sua intensidade - de sempre acertar, de fazer o melhor e querer a qualidade - quiçá, o bem, o belo, como entendia Platão (2437/aN - 2357aN) - absoluta para tudo e todos, seja a grande responsável pela angustiante e desesperadora espera. Espera por atitudes denotativas de contribuição para a mudança pessoal, social, comportamental, da personalidade e caráter, no conhecimento e sua busca que não são palpáveis, não aparecem, não evidenciam-se como constatação decorrente.

Penso, por vezes, que a medicina pode ser a atividade profissional mais frustrante no sentido de que a inabilidade ou imperícia em resolver o problema apresentado, provoca a perda da vida, da possibilidade de continuar existindo e fazendo a experiência do sentir. Mas será que a interrupção da possibilidade de existir é o pior castigo? E as vidas mediócras vividas em função de frivolidades do mundo material? E as existências banais? E aquelas que mais sobrevivem do que vivem? Que se contentam com a pura satisfação do biológico animal do homem? E as que perambulam para encontrar algo que as alimente e empenham toda sua existência neste trabalho de Sísifo? Talvez cheguemos à conclusão que perder a vida física seja um mal menor que o sofrimento a que muitos padecem continuando vivos.

Há momentos em que vejo o próprio desespero estampado em trabalhadores e trabalhadoras que limpam ruas e calçadas e recolhem lixo. Fazem suas tarefas continuada e repetidamente e, mesmo assim, as pessoas continuam a sujar os locais. As faxineiras, diaristas, da mesma forma. Há um agravante, igualmente desesperador, o salário. Estão entre as categorias de trabalhadores que menos percebem por seu ofício.

Vejo pais e mães de família desesperados por não verem suas expectativas, decorridos dedicados anos de exemplos educativos e ensinamentos a filhos e filhas, ser correspondidas. Agricultores e agricultoras, desesperados diante da única possibilidade anual de renda para subsistência e a constatação de perda total por estiagens prolongadas, dilúvios ou endividamentos e preços aviltantes para seus produtos. Vejo, diariamente, professores e professoras, desesperados diante da incapa-

cidade de plantar sementes de conhecimento, valores científicos e humanos, atitudes de pesquisa e reflexão nos estudantes.

Desesperados, continuamos vendo desespero em todas as atividades e especialidades humanas por que o *feeling* filosófico alimentamo-nos pela atitude reflexiva cuja visão de mundo também possui um sentido prático, tem um modo global de conceber a realidade “[...] em seus aspectos cognitivo, político, estético, ou seja, uma visão mais integrada das várias questões relativas à realidade, podendo inclusive servir de base para a tomada de decisões práticas” (MARCONDES; FRANCO, 2011, p. 67). Decorrente da frustração da perspectiva, da expectativa, da utopia, do sonho, atinge a todos e todas não se limita à *techne* humana, ao fazer. Ocupa o íntimo, o profundamente pessoal. Está diretamente relacionado, e é proporcional, às expectativas, aos projetos e, particularmente, à intensidade com que elas são forjadas. O desespero não é pecha, não-considerável, insignificante. É manifestação da impossibilidade da pessoa em continuar agindo com todo o seu ser, consumindo vida, energia vital, sem ver benesses, frutos, sabores, cores. É o fim da possibilidade, a morte da utopia, a derrota do sonho, da expectativa. Desespero é chegar ao fim da caminhada e não colher frutos. Frustração é a falta de coragem de iniciar nova caminhada. Desesperar-se é tomar consciência da impossibilidade. Frustrar-se é deixar-se dominar pela inconsciência do projeto e incapacidade de reiniciar a caminhada. Inclusive, frustração é, além de não ver novos caminhos, não ver novos caminhos, perder a capacidade do desespero.

O desespero contém em si a esperança de modo irrealizado, irrealizável ou ainda não realizado. A frustração acontece no final da possibilidade. Não no final do caminho, mas no caminhar que vê somente o fim. É como uma muralha que se põe no meio do caminho, antes possível e agora intransponível. Desespero é o dar-se conta de que a caminhada é mais longa do que o planejamento, mais difícil, quase impossível. O desespero transita na esperança negativa, mas mesmo, na negatividade, considera uma possibilidade. Mesmo que seja a alternativa da repetição, do continuísmo, do retornar, retomar, refazer. O desespero é escuridão. Fazer sem luz. A frustração é a impossibilidade de fazer. Não significa que o desespero impossibilite o fazer bem feito. Esse desespero se apossa de mim no exercício do educar, do ensinar, do processo de produção de conhecimento, no viver. Angustia pela incapacidade de visualizar o concreto da utopia que se renova, teimosamente, esperançosamente. Não somente no exercício educativo, mas em todas as ações e especialidades humanas. Continuo desesperado. Educar, em tempos de superficialidades e insignificâncias, é ato desesperado.

FILOSOFIA E VIDA: A MEDIAÇÃO DO FILOSOFAR

É como formadora/problematizadora do sujeito pelo questionar/refletir, que a Filosofia aparece no cotidiano. Segundo Marcondes e Franco (2011), ela está a serviço do bem-viver, ela deve dirigir as ações humanas visando à conquista do objetivo mais alto do bem-viver: a felicidade humana. Em um primeiro momento, ao oportunizar que o sujeito tome consciência de sua existência e da existência do mundo. Um mundo fragmentado, individualista, dividido; contraditório, pois contém em si o germe da possibilidade de ser partilhado, repleto de relações solidárias onde há espaço para a diferença e para a igualdade, para a possibilidade de nascimento e realização do outro. São as palavras de Boaventura

de Sousa Santos (2003) a ecoar sobre o direito a sermos iguais quando a diferença nos inferioriza e a termos o direito a ser diferentes quando a igualdade nos descaracteriza.

É no filosofar que se apresentam a descoberta do mundo ambivalente, naturalmente plural, complexo, imerso na diversidade. Nesse horizonte se coloca a primeira ação filosófica radical: a da reflexão, do conhece-te a ti mesmo e ao mundo. Nessa condição filosófica da práxis, o outro/a outra se constitui tão indispensável quanto o eu para a construção de uma sociedade mais humana e também para a formação do próprio eu. As relações intersubjetivas surgem, então, motivadas pela ação primeira da filosofia: o pensar e nele, indistintamente, cabe o pensar-se, conhecer-se, saber-se. O sujeito percebe que precisa do outro, não como instrumento, mas como companheiro, ser solidário, amigo. Há aqui um momento de sublimação do humano ao descobrir-se como ser de relações. Como relatam Deleuze e Guattari (1992), a filosofia é a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos. Mas não seria necessário somente que a resposta acolhesse a questão, seria necessário também “[...] que determinasse uma hora, uma ocasião, circunstâncias, paisagens e personagens, condições e incógnitas da questão. Seria preciso formulá-la ‘entre amigos’, como uma confiança ou uma confiança...”

A Filosofia em sua intencionalidade de motivar/despertar/ampliar a reflexão e caminho para a descoberta do “eu”, propõe-se a desvelar os diversos “eus” que compõem o sujeito. O conhecer-se permanente que se dá pela reflexão, movimento pessoal, e pela presença, ação do outro, conscientizam o sujeito dos seus limites, das suas capacidades, das suas potencialidades, dos seus outros “eus” que lutam na sua composição: o “eu” do medo, da possibilidade, do cuidado, da raiva, do amor, o eu religioso, o político... A consciência dessas situações/possibilidades é condição do tornar-se sujeito e cidadão, na medida em que propõem ao sujeito/pessoa/indivíduo, ao ser, a necessidade da sua ação e o impulsionam a crescer, pois exige postura, atitude, método e ação. Esse momento auto reflexivo em que o ser toma consciência de si e, a partir de então, passa a ser sujeito - disposto a autonomia/emancipação, porque se compreendendo sujeito de relações - compreende-se em composição de vários momentos: o primeiro, quando se descobre enquanto pessoa; quando a pessoa descobre o outro, é o segundo; no terceiro, o ser descobre o mundo e, no quarto momento, há a descoberta/constituição das instituições. Esses quatro momentos ou consciências podem ser denominados, respectivamente, de consciência pessoal, consciência das relações, consciência das obrigações/dever e consciência da ação. Para os objetivos deste texto, esses momentos da consciência não são discutidos, mas apenas trazidos como demonstração das potencialidades despertadas pela ação filosófica, pelo pensar, pela pesquisa filosófica, fortalecida pelas dimensões da transcendência/elucubração/imaginário/ideal e do real/concreto/utópico.

Desse modo se estabelece um compromisso com a filosofia, no qual não dá mais somente para tê-la, é preciso sabê-la como essencial no processo de autoconhecimento, consciência do cosmos e na ação transformadora do mundo. Não há precocidade no exercício do filosofar, embora, perceba-se crescente protelação do filosofar pela racionalidade econômica, ansiando sobrepor-se aos valores e construções humanas, dissimulando a percepção da poderosa influência do capital sobre a vida, como denuncia Jameson, em *Pós-Modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio* (2007).

O filosofar ampliado, constituindo-se pela própria ação do pensar/questionar/refletir, viaja pelas compreensões constitutivas do humano assimilando possibilidades *ad infinitum*. Segundo Flickinger,

torna-se evidente o quão difícil, em determinada situação, é formular a pergunta adequada, ou encontrar uma resposta que corresponda à perspectiva do questionamento daquele que a coloca.

Isto porque é a pergunta que abre um novo diálogo, sendo que sua primazia se dá, também, pela função que tem de impulsionar a busca da resposta, ou seja, de encaminhar a pessoa à reflexão. Se não houvesse perguntas, não seríamos levados a pensar em respostas adequadas. Assim, a razão dialógica representa bem antes uma arte de perguntar do que uma tentativa de encontrar respostas corretas (2010, p. 96-97).

Daí nasce, potencialmente, com essa capacidade de ver/entender/fazer, um ser capaz/capacitando-se, consciente/conscientizando-se de sua história e de sua ação. Um ser de construção, portanto, autônomo/em autonomização e de relações. Relações não técnicas, mas humanas. De tais relações advém a descoberta da criatividade pelo ser que supera, ao entender-se limitado física e biologicamente, sua condição para pôr-se em ação consciente a serviço da comunidade, da vida, da reconstrução social, seguindo por caminhos alternativos aos pretendidos pela centralidade técnico-econômica. Japiassú reforça esta nossa pretensão ao afirmar que um dos desafios da filosofia é o de repensar o pensamento científico libertando-o de sua ganga positivista, de sua maneira descritivista e de sua prática contábil “[...] a fim de instalar em seu seio uma segmentação filosófica capaz de regular as relações do conhecimento científico com as demais modalidades de pensamento e ação” (1997, p. 10).

ESSÊNCIA DO FILOSOFAR: FORMADOR, PROPOSITIVO E INQUIETANTE

A filosofia, para Severino (2015), está diretamente vinculada à maturidade intelectual das pessoas e à percepção do papel do conhecimento no processo histórico de constituição dos sujeitos de construção da humanidade. Isso quer dizer que o que estamos considerando como filosofia é uma atividade de reflexão, uma modalidade de exercício da subjetividade cognoscitiva que se envolve exatamente com o delineamento desse sentido, articulando e complementando todas as outras modalidades congêneres, “[...] num esforço conjunto e convergente com vistas à elucidação do sentido da existência e do esclarecimento de referências para orientação da prática humana, o grande processo mediador de sua existência” (SEVERINO, 2015, p. 36).

Quando a pessoa se entende como ser humano, então principia por cobrar os seus direitos, o seu espaço. Descobre-se ser de vontades, de desejos. Entende-se também como um portador de potencialidades, de possibilidades e vendo-se como um ser humano, um ser que pensa, exige, inquieta-se, persegue e conquista espaços na família, na escola, na sociedade, nas instituições. Ao liberar essa atitude do pensar/filosofar, da reflexão/crítica, do reconhecer-se como pessoa, a filosofia está também proporcionando um momento de reconhecimento do outro. De um estado de consciência que permite ao ser humano definir-se como ser no mundo, e ao mesmo tempo como sujeito em face do mundo. Ele tenciona o mundo e o exprime para si. Mas, dado que a sua situação real e originária é a de inserção numa comunidade de sujeitos, a expressão do mundo para si deve ser também e expressão do sentido para o outro. (PERINE, 2007).

O ser começa a pensar que não está só no mundo, mas um sujeito comunitário, um ser político, um ser de construção de relações e, então, vê o outro como necessário à sua vida, constitutivo da sua pessoa, integrante das relações diárias e cotidianas que o fazem crescer e fazem crescer a sociedade também. Nesse momento a pessoa/o sujeito, o próprio “eu” toma consciência de suas ações e a da ação dos outros que a ele se relacionam. O filosofar, nesse constructo, ressurge como formador do sujeito sócio-político porque consciente de sua existência num mundo comum. Um mundo partilhado. Essa dimensão constitui-se, mesmo que enquanto intencionalidade, um mundo de solidariedade e forma-se uma sociedade onde há evidente compreensão de que os outros também participam e constroem. Como seres solidários, são indispensáveis no processo.

A filosofia sempre se confronta com o poder, e sua investigação não fica alheia à ética e à política. A filosofia é, portanto, a crítica da ideologia, entendida como forma ilusória de conhecimento que visa manutenção de privilégios. Eis a vocação do filósofo: desvelamento do que está encoberto pelo costume, pelo convencional, pelo poder. Alguns grupos, especialmente os mais arraigados ao poder descaracterizam o saber filosófico diante da possibilidade de ele despertar a criticidade, devido ao mesmo ter possibilidade de desvendar os valores que sustentam ações individuais ou coletivas. A verdadeira compreensão do significado da filosofia implica assumi-la como forma de entendimento da realidade que coloque nas mãos do ser humano orientação e direcionamento para sua ação. Ela é de fundamental importância para a vida de todos os indivíduos, como seres humanos que desejam encontrar sentido para o seu agir. Na visão de Severino (2015) a modalidade filosófica de conhecimento se apresenta como a busca ilimitada de mais sentido, de mais significação. Transforma-se então a filosofia num esforço do espírito com vistas a dar conta da significação de todos os aspectos da realidade, com a maior profundidade possível, e sempre em relação à significação da existência dos homens.

É a tentativa de compreender o sentido mais radical das coisas, independentemente de sua utilização imediata. Esse sentido é o modo pelo qual as coisas se apresentam ao espírito, de modo propriamente humano da consciência de se apropriar delas. Ter consciência, para o homem, identifica-se com o dispor de sentido, o que constitui para ele a compreensão da realidade. Compreender é, pois, reconhecer, ao nível da subjetividade, nexos que vinculam, com determinada coerência entre si, elementos da realidade experimentada a partir do próprio processo vital. (SEVERINO, 2015, p. 45).

A atitude primeira da filosofia situa-se no fazer nascer no sujeito, sempre em educação, o ver-se/perceber-se/entender-se como pessoa/sujeito/cidadão. A partir do compromisso com o desenvolvimento do pensar, a filosofia persegue incansavelmente a sua sustentação: o filosofar. É, a partir dessa primeira atitude que os sujeitos, a seu modo e em seus tempos, começarão a elaborar conceitos, reflexões mais amplas e relacionadas. Um problema sempre estará associado a outro e a teorização florescerá no acontecimento da transcendência. Porque pensar não é ato que se dê isolado na mente e na vida, nem, tampouco, neutro; ele é decorrência de motivação e predisposição, excitação eclodindo da consciência de si, dos outros, do mundo e das instituições. O pensar decorre da “capacidade”, da vontade, da possibilidade de fazer associações, relações do “eu” consigo mesmo e com o exterior (relação interior - exterior/subjetividade - objetividade e, de certo modo, identidade - diferença).

O sujeito/cidadão consciente não está submetido/dominado e, mesmo que, condicionado a situações de exploração e excluído das relações socioeconômicas e culturais, estas ausências também compõem seu ser político. O filosofar potencializa a consciência de seu mundo e circunstâncias, do seu espaço/localização, o acompanha e o impulsiona para a ação reflexiva. A luta que cada pessoa/sujeito/indivíduo inicia com a conquista da auto consciência, “planta” o espírito de ser político. Nessa seara, então, é alguém que tem nome, ciente de suas capacidades/potencialidades/possibilidades em busca de superar os limites pessoais e da sociedade para garantir mais vida e vida digna. Em sua luta pela qualificação do humano e do meio que o acolhe, o filosofar tem a missão de conduzir o humano a uma espécie de ascensão. É dessa forma que o indivíduo assume como sua as lutas sociais e sente-se responsável pelo outro, pela comunidade; participa e procura ver espaços de envolvimento, de cooperação.

O filosofar, não se basta a si mesmo, não se considera autossuficiente, mas interdisciplinar, promovendo um diálogo com as outras ciências, relaciona-se com o mundo e com os seres, analisa a técnica e a própria ciência que é e que se constrói na pesquisa e nas relações. Ao estabelecer a crítica como método ou modo de ser, desperta nos indivíduos a validade da pesquisa, da procura pelo novo, pela possibilidade criativa de alternativas. Pela perspectiva de Japiassú (1997) o mérito da filosofia está em ajudar os homens a pensar o que fazem, sua vida e a sociedade segundo referenciais éticos e políticos gerais e, ao mesmo tempo, leva-los a um exercício cotidiano de uma liberdade de espírito sempre renascente. A descoberta pessoal e coletiva integra, então, todos os momentos educativos e potencializa o crescer consciente de que toda a emancipação, toda a autonomia e capacitação dos sujeitos, não podem só vir de fora, nem é imposição ou doação, mas, como diz Demo (2003), é conquista interna, é construção.

O filosofar, ao mesmo tempo, instância formadora e educativa, crítica e autocrítica, na sua ação reflexiva, oportuniza ao humano a consciência da sua incompletude e, por isso, das atitudes solidárias e ações concretas visualizando a vida como um todo. Consciente dos limites, o ser se descobre sujeito de mudanças e pleno de possibilidades porque sempre em construção. O ser humano age porque é insatisfeito, porque mesmo quando não sabe o que quer, sabe muito bem o que não quer, “[...] porque é o único animal que pode dizer *não*, que pode falar do que *não é mais* e do que ainda não é, o único que fala para exprimir sua necessidade e o seu desejo.” (PERINE, 2007, p. 40). Sabe, igualmente, finitas, mutáveis e passíveis de organização, de adequação, a instituições sociais, sejam elas quais forem. Este saber não autossuficiente ou arrogante, mas histórico e idealista e, nessa medida, forma-se construtor, transformador e ferramenta dos sujeitos na obra da solidariedade da luta e da consciência.

EPIMETEU E A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: ABDICAÇÃO DO FILOSOFAR

A sociedade mítica dos tempos gregos legou aos tempos contemporâneos, entre outras heranças, o mito de Pandora que apresenta dois personagens principais: Prometeu e Epimeteu. Recentemente, James Cameron no filme “Avatar”, homenageou o Mito denominando o local da ação imperialista dos humanos, à procura de minério valioso, sobre uma espécie nativa, de Pandora. Mito, como diz Buzzi (1987) é uma forma de conhecimento que ensina modo de vida, comportamento, regras, normas, necessárias e indispensáveis para que a comunidade sobreviva, continue e permaneça unida em torno

de valores comuns. O mito é sempre símbolo. *Bállo* significa lançar, enviar, colocar dentro de um caminho. *Syn* é a força acompanhante que estrutura o caminho. “Estamos na fala de uma situação, que é imediatamente mito ou símbolo porque a situação é sempre experimentada como caminho de uma viagem.” (BUZZI, 1987, p. 76). Mas é acerca de Epimeteu e sua relação com a sociedade contemporânea que quer versar a presente reflexão, ampliando as análises até o momento político vivenciado pelos brasileiros e pelas brasileiras.

Epimeteu, a partir da sabedoria mítica grega, continua a agir sem pensar. O sentido, para os gregos, de Epimeteu se aproxima do “pensar depois” e isso quer expressar comportamentos fúteis, superficiais, descomprometidos com a historicidade da razão: ação inconsequente, impulsiva, irracional. Plena de sentimentalismos e vazia de planejamentos. Não raro é a identificação dos sofistas, filósofos dos tempos clássicos, com os políticos, prolongando o preconceito platônico sobre os autointitulados sábios, opondo-se às pesquisas de Jaeger (2003), somente porque eles viam a necessidade de ensinar a arte da retórica e da argumentação como condições indispensáveis a educação do cidadão para o Estado.

Preconceitos à parte, os políticos têm o hábito de falar sem preocupações com a possibilidade de aplicar na realidade seus discursos. Em alguns casos a incapacidade de concretização dos discursos figura como uma bênção. É mais profícua para a sociedade a inaplicabilidade das ideias propagadas nos tempos de campanha eleitoral do que a benesse provocada por suas teorias. Porém, tal qual Epimeteu, a massiva maioria dos discursos eleitorais soa como superficialidade diante da radical problemática humana, social, religiosa, cultural, ética, legal, institucional, econômica e, mesmo, política, carecendo de atenção profunda. Evidências claras das verdadeiras intenções eleitoreiras, associadas a “belos” e inconsequentes discursos forjadas pela indústria da verdade, a mídia global, interesseira e, ideologicamente, associada ao poder que, tal qual Pandora, espalha o mal.

Castoriadis (1922-1997), em palavras filosóficas, compreende de modo assemelhado ao mito da caixa de Pandora, brilhante e ricamente adornado em seu exterior e mortalmente maléfico, em seu conteúdo. Discutindo que a sociedade atual desenvolveu um alto grau, em todas as suas instituições, de insignificância, em todos os setores e dimensões, questiona o mito *epimeteico* que não trata os problemas humanos com a devida seriedade e complexidade que os constitui e necessários a sua compreensão. Desse modo, o pensar depois, ou pensar tarde, provoca o advento dos males sobre as comunidades, da mesma forma que a superficial compreensão da problemática, sem o devido dimensionamento da complexidade a ser empenhada em qualquer situação.

Pensar depois traz consigo o sentido de arrependimento pela leviandade com que os atos foram cometidos, desacompanhados da racionalidade mínima que se lhes exige. A sociedade moderna, plena em movimento, em velocidade e vazia de sentido profundo, portanto, de essencial ou busca contínua de um sentido mais autêntico, se satisfaz com a aparência, atitudes levianas, inconsequentes e irracionais. Este é o sentido da ascensão da insignificância. O crescimento da desvalorização de sentido e compreensão racional que se apossou dos humanos provoca a desarmonia entre as diferentes atitudes dominadoras e exploradoras.

O ser humano é transformado em coisa tanto na ação inconsequente leviana e superficial daqueles que dominam porque se tornam objetos de sua ação dominadora, realizando-se apenas enquanto dominadores; tanto quanto coisas, objetos, enquanto manipulados, dominados por outros sujeitos

cegos em suas determinações de transformar os outros em seus objetos. Somente desse modo os dominadores conseguem ser alguém, mesmo que isso signifique ser, igualmente, objeto de seus próprios vícios e superficialidades, como postula Gramsci (1982). Tão alienado se torna o dominador quanto o dominado, já que o dominador não é sujeito suficiente para tomar consciência de sua condição e, dessa forma, alterar a situação que o oprime. Analogicamente, essa reflexão pode ser aplicada a ação dos políticos, desde os tempos de campanha até o exercício do poder e aos eleitores, ao crerem nas palavras adornadas e tão ricamente propagadas. Para a sociedade científica da pós-modernidade, a ascensão da insignificância é o sentido epimeteico do descuido e incompreensão da complexidade, ao mesmo tempo em que adoração do esplendoroso, do objeto propagandeado, sem o conhecimento devido do conteúdo. Enquanto o exterior é venerado e aplaudido, a “verdadeira” intenção, aquela que subjaz, atinge seus espúrios objetivos.

PARA CONTINUAR FILOSOFANDO: DESEJAR E SER

Os seres todos, essencialmente, desejam. É próprio do ser desejar ser ou continuar ser. Nem mesmo a pedra pretende acabar. O desejo de continuidade é inerente e prescindindo pensar. Quando o pensar, a razão, a consciência, o conhecimento, adentram o ser, então começa a aparecer o desejo apenas como possibilidade. Talvez a maior, a mais central; contudo possibilidade. Desejar é natural. Pensar é possibilidade, não condição para ser, tampouco para desejar. O desejo é essencial tanto quanto a possibilidade de cada ser para pensar, ser, continuar, alterar... No desejar, o ser se realiza enquanto existente ou enquanto existir. Somente a partir dessa condição primeira, torna-se possibilidade. Desejar não é ainda emancipação, mas necessidade. Pensar decorre da emancipação do ser, da consciência de si enquanto existente possível ou ser de possibilidades. No desejar ainda não há consciência do próprio desejo, apenas natureza. A consciência advém com o afloramento de uma possibilidade, a racional, o pensar.

Desejar é ainda não, necessariamente, ter consciência. Apenas um ouvir o querer enquanto força e vontade natural. Consciência significa, literalmente, saber concomitante, ou seja, o saber que se tem de si mesmo em todo ato de saber que se exerce. De acordo com Perini (2007), a consciência é ato vivencial, do ser consciente, pelo qual o ser humano existe e se define como sujeito em oposição aos objetos. O humano não é somente razão, é muito mais. Talvez o único ser capaz de consciência em grau elevado ou profundo. O afloramento dessa consciência é posterior ao desejo, não como sua sequência necessária. Desejar é tão natural quanto o pensar, no humano. Contudo o desejo é primitivo, espontâneo e ilimitado, enquanto o pensar necessita de estímulo, de esforço. É somente possibilidade, mas não necessidade. Se faz necessidade a partir do despertar da consciência de si, do meio e das relações.

Somente o ser pode desejar. O desejo de pensar já é pensar porque não pode haver pensar sem que essa ação, pela sua especificidade, seja já ação de pensar: objeto e sujeito, numa compreensão tradicional. Contudo, somente o humano, até o presente, é dotado de pensar e diz seu dom ao mesmo tempo em que o exclui para os demais seres. A ausência do pensar na imensa maioria de seres - dito pelo humano - não retira desses seres todos, e do próprio humano, a condição de existente. Existir, pela sua natureza e condição natural, é desejo de continuidade. À medida que há existência ela passa a ser desejada naturalmente porque é condição de continuidade. Existir é desejar, desde já, continuar.

A continuidade da existência abre a possibilidade da consciência, o despertar do desejar mais: desejar pensar, consciência da existência, qualidade do existir. Ser é estar aí, como no existencialismo; desejar continuar essa existência como condição de continuar ser. O desejo é imediato e essência do ser incorporando qualidade no desenvolvimento do pensar mas não abdicando da condição de ser enquanto apenas desejan-te de continuidade. Desejar é condição do ser, de tal forma que desejar é ser, ainda que não qualificado e qualificante. Não pleno porque a plenitude não é dada e pronta; em construção, necessitando de consciência e pensar.

Desejar é condição primeira para ser porque o desejo revela uma predisposição essencial à continuidade, própria dos seres mesmo sem consciência do desejar. Existir é desejo de continuar na existência como natural. Seria contraditório o ser desejar não-ser porque o não-ser, naturalmente, assim deseja permanecer para continuar sendo não-ser. Nisso reside uma essencialidade primeira de cada ser onde pode desenvolver-se a consciência, o pensar e, com isso, a atribuição própria de sentido, de qualidade. Apenas como possibilidade. A não consciência de si, o não pensar, portanto, não invalidam o desejo de permanência, de continuidade de cada ser que é digno por isso mesmo: pela existência. A qualificação do ser, não como reserva ou privilégio, é possibilidade, naturalmente, democrática, ampla, aberta. Disponibilidade para a totalidade. Enquanto garantia não se efetiva pelo imperativo de impedimento provocado pelo poder de algum pensar. O que também não invalida o pensar, mas revela o quanto o pensar pode ser benéfico ou maléfico ao ser ou não-ser na atribuição de sentido, dignidade e qualificação.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **O mal estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. **Zygmunt Bauman defende que as redes sociais são uma armadilha**. Entrevista concedida ao jornal El País. Disponível em: <<https://bit.ly/2Met9nv>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

BUZZI, Arcângelo. **Introdução ao pensar**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1987.

CASTORIADIS, Cornelius. **As Encruzilhadas do labirinto: os domínios do homem**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002, v. II.

_____. **As Encruzilhadas do labirinto: o mundo fragmentado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, v. III.

_____. **As Encruzilhadas do labirinto: a ascensão da insignificância**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002, v. IV.

_____. **As Encruzilhadas do labirinto: feito e a ser feito**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999, v. V.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DEMO, Pedro. **Pobreza da pobreza**. Petrópolis: Vozes, 2003.

- FLICKINGER, Hans - Georg. **A caminho de uma pedagogia hermenêutica**. São Paulo: Autores Associados, 2010.
- GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- JAEGER, Werner Wilhelm. **Paideia: a formação do homem grego**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003
- JAMESON, Fredric. **Pós-Modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- JAPIASSÚ, Hilton. **Um desafio à filosofia: pensar-se nos dias de hoje**. São Paulo: Letras & Letras, 1997.
- JUNGES, Márcia; WOLFART, Graziela. Sem grandes intuições, não há grande filosofia. **IHU** on-line, nº 379, ano XI, 07/11/2011. Disponível no endereço: <<https://bit.ly/2K9pJly>>. Acesso em: 18/06/2016.
- LUFT, Lya. **Pensar é transgredir**. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- MARCONDES, Danilo; FRANCO, Irley. **A filosofia: o que é? Para que serve?** Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- PERINE, Marcelo. **Ensaio de iniciação ao filosofar**. São Paulo: Loyola, 2007.
- PITHAN DA SILVA, Sidinei. **Educação, Diferença e Emancipação**. Cadeira desenvolvida no PPGEC/ Doutorado, 2015-II. Unijuí, 2015.
- SANTOS, Boaventura de Souza. **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- SAVATER, Fernando. **O valor do educar**. São Paulo: Planeta, 2005.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. A razão de ser da presença da Filosofia no ensino superior. In: BATTESTIN, C. e DUTRA, J. da C. (Orgs.) **Diálogos entre Filosofia e educação**. Rio Grande/RS: FURG, 2015.